

## Marantaceae – Novidades taxonômicas e nomenclaturais III: Tipificações, sinonímias e uma nova combinação em *Calathea*

João Marcelo Alvarenga Braga<sup>1</sup>

Recebido em 12/03/2004. Aceito em 11/04/2005

**RESUMO** – (Marantaceae – Novidades taxonômicas e nomenclaturais III: Tipificações, sinonímias e uma nova combinação em *Calathea*). Dando continuidade ao levantamento dos táxons de Marantaceae ocorrentes no Brasil, propõe-se novidades taxonômicas e nomenclaturais envolvendo algumas espécies de Marantaceae descritas e ilustradas na *Flora Fluminensis* de Frei José Mariano da Conceição Vellozo. *Maranta monophylla*, *M. prolifera* e *M. tuberosa* são circunscritas aqui a partir das informações morfológicas e fitogeográficas contidas nas descrições e nos comentários existentes nas obras originais, além da análise das estampas publicadas em contribuições subsequentes e que ilustram com detalhamento as espécies. A partir dos dados coligidos e da comparação com coleções recentes e tipos nomenclaturais é proposta uma nova combinação, dada a necessidade de se transferir *M. prolifera* para o gênero *Calathea*. São propostos como sinônimos algumas espécies de *Calathea* comumente citadas nos levantamentos florísticos realizados no domínio da Floresta Atlântica.

**Palavras-chave:** *Calathea*, *Maranta*, taxonomia, nomenclatura, *Flora Fluminensis*

**ABSTRACT** – (Marantaceae – Taxonomic and Nomenclatural Novelties III: Typifications, synonyms and a new combination in *Calathea*). To continue the survey on Marantaceae taxa being carried out in Brazil, new taxonomic and nomenclatural proposals are made involving some species of Marantaceae described and illustrated in *Flora Fluminensis* by Friar José Mariano da Conceição Vellozo. *Maranta monophylla*, *M. prolifera* and *M. tuberosa* are circumscribed here from morphologic and phytogeographic information contained in descriptions and commentaries from Vellozo's originals, as well as from analysis of prints which were published subsequently that illustrate the species in detail. From the gathered data and the comparison with recent collections and nomenclatural types, a new combination is proposed, due to the necessity of transferring *M. prolifera* to the genus *Calathea*. Some *Calathea* species commonly cited in floristic surveys at the Atlantic Forest are proposed as synonyms.

**Key words:** *Calathea*, *Maranta*, taxonomy, nomenclature, *Flora Fluminensis*

### Introdução

A família Marantaceae apresenta 31 gêneros e cerca de 550 espécies com distribuição essencialmente tropical, porém a maioria delas ocorrendo no Novo Mundo (Andersson 1998). No Brasil, tendo como base os principais acervos científicos e bibliografias, foram identificados 11 gêneros e cerca de 130 espécies. *Calathea* é o maior gênero da família, com aproximadamente 300 espécies (Andersson 1998), das quais estima-se que no Brasil ocorram entre 70 a 90 espécies.

A partir do século XIX a taxonomia de *Calathea* foi abordada por diversos autores, destacando-se as contribuições de Vellozo (1829; 1831; 1881), Koernicke (1862), Eichler (1884), Petersen (1890) e Schumann (1902). Mais recentemente Kennedy (1982a; 1982b;

1993; 1999), Kennedy & Braga (1997), Braga & Andreato (1998), Braga (2002) e Wanderley & Vieira (2002) descreveram, tipificaram e circunscreveram vários representantes do gênero na flora brasileira.

O presente trabalho tem como objetivo subsidiar o levantamento dos táxons de Marantaceae no Brasil a partir das tipificações, circunscricões e atualizações na nomenclatura de algumas espécies de *Calathea* ocorrentes nas regiões Sudeste e Sul do Brasil e que foram, anteriormente, reconhecidas por Vellozo (1829; 1831) como pertencentes ao gênero *Maranta*.

### Material e métodos

Os dados expostos são provenientes das interpretações feitas a partir da *Flora Fluminensis* (Vellozo 1829; 1831) e do exame dos fac-símiles de

<sup>1</sup> Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, JBRJ, Rua Pacheco Leão 915, CEP 22460-030, Rio de Janeiro, RJ, Brasil (jmabraga@jbrj.gov.br)

aquarelas divulgadas pela Biblioteca Nacional (Velooso 1976) e, posteriormente, reimpressas pelo Centro de Memória e Documentações da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Rio de Janeiro, CMEDOC/SEMADS (Vellozo 1999). Informações complementares sobre a morfologia externa, fenologia e distribuição geográfica foram compiladas por meio de consultas bibliográficas e de coleções botânicas, observações de populações nativas e de plantas cultivadas.

A classificação infragenérica é baseada em Schumann (1902).

As datas utilizadas para citar a *Flora Fluminensis* são as efetivas, conforme o Código Internacional de Nomenclatura Botânica (Greuter *et al.* 2000) e para tal foram aceitas as propostas de Carauta (1969).

## Resultados e discussão

A partir da divulgação, pela Biblioteca Nacional (Velooso 1976) e pelo CMEDOC/SEMADS (Vellozo 1999), de parte das aquarelas que originaram as versões monocromáticas inseridas na *Flora Fluminensis* (Vellozo 1831), tornou-se mais evidente a identificação de algumas espécies de Marantaceae descritas e ilustradas por Vellozo (1829; 1831; 1881). As aquarelas pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional, geralmente, apresentam detalhes das inflorescências e flores, além de ilustrar com nitidez o hábito e a coloração das plantas vivas.

Damasceno (1976) assinala que desde o final do século XIX já se atribuíam os escritos e aquarelas, até então de propriedade dos marqueses de Castelo Melhor e adquiridos, por meio de leilão, em 1879 pela Biblioteca Nacional, como sendo de autoria intelectual do Frei José Mariano da Conceição Vellozo. Posteriormente, Lima (1999) concluiu que os documentos provenientes de Castelo Melhor não coincidiam com as ilustrações de Vellozo (1831) e acrescentou que este fato denotava a impossibilidade de compilação. Lima (1999), porém especulou sobre a existência de algumas ilustrações do século XVIII terem sido redesenhadas e incluídas na *Flora Fluminensis*. Este teor histórico foi anteriormente discutido por Damasceno (1976), que deu como exemplo a ilustração de *Joannesia princeps* Vell. (Euphorbiaceae), cujo provável autor é Gonçalo José Muzzi, datada de 1785, que foi posteriormente decalcada e inserida no apêndice feito por Vellozo (1798), na obra “*Alographia dos alkalis fixos vegetal ou potassa, mineral ou soda e dos seus nitratos...*”.

Ao analisar as ilustrações de Marantaceae, em especial das espécies aqui tratadas, nota-se a grande semelhança entre as aquarelas depositadas na Biblioteca Nacional e os desenhos monocromáticos da *Flora Fluminensis*, não deixando dúvidas sobre a mesma origem das ilustrações. As diferenças assinaladas por Lima (1999), provavelmente são referentes ao conjunto dos manuscritos e estampas adquiridos do Castelo Melhor e que não estão assinalados com a expressão “*Muzi fes*”, pois é idêntico o desenho do hábito, do arranjo das folhas e, quando presentes na *Flora Fluminensis*, das inflorescências. Infelizmente, durante o processo de formatação de algumas ilustrações de Marantaceae que foram utilizados por Vellozo (1831), houve uma sensível perda de qualidade nos detalhes das estruturas presentes nas aquarelas, tendo sido reduzida a altura da planta e modificado o comprimento das folhas, além de suprimidos, em alguns casos, a inflorescência e os detalhes das flores.

O Código Internacional de Nomenclatura Botânica (Greuter *et al.* 2000), no Art.9 N.2a, define material original como os espécimes ou as ilustrações, ambos não publicados, publicados anteriormente ou juntamente com o protólogo, sobre os quais pode ser provado que a descrição ou diagnose que validam o nome foram baseadas. Entretanto, ressalta-se que Vellozo (1829; 1831) não fez menção sobre a existência de aquarelas, de plantas vivas ou herborizadas. A relevância desta informação no contexto histórico da *Flora Fluminensis* é a confirmação de que Frei Vellozo teve acesso apenas às versões monocromáticas, estas modificadas das aquarelas originais que antecedem ou foram feitas no mesmo período das expedições botânicas da *Flora Fluminensis*. A afirmação deste novo fato decorre da ausência de indicações precisas sobre as localidades típicas de cada espécie de Marantaceae descrita por Vellozo (1829) e, em alguns casos, na própria obra original houve a confirmação de que não foram observadas as partes reprodutivas de algumas espécies aqui tratadas, estando estas ausentes apenas nas ilustrações monocromáticas publicadas por Vellozo (1831). Os dados coligidos subsidiam a conclusão de que partes das aquarelas pertencentes à Biblioteca Nacional foram decalcadas e, posteriormente, modificadas para compor a *Flora Fluminensis*.

Para melhor acurasse no processo de identificação é de singular importância, adicionalmente aos tipos, analisar as aquarelas, pois estas são as versões originais e completas das espécies descritas por Vellozo (1829;

1831), proporcionando assim uma melhor compreensão sobre a circunscrição taxonômica das espécies envolvidas.

*Calathea* G.F.W. Meyer

subg. *Pseudophrynium* Körn., ser. *Scapifoliae* (Eichler ex Petersen) K.Schum.

1. *Calathea arrabidae* Körn., Bull. Soc. Imp. Nat. Mosc. 35(1): 144. 1862, “*arrabida*”

*Maranta tuberosa* Vell., Fl. Flum., p. 4. 1829 (1825); Fl. Flum. Icon. 1: tab. 13. 1831 (1827); Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro 5: 4. 1881. *Phrynium tuberosum* (Vell.) K. Koch, Berl. Allg. Gartenz. 25: 147. 1857. *Typus*: Fl. Flum. Icon. 1: tab. 13. 1831 (1827).

*Calathea lindbergii* Petersen in Mart., Fl. bras. 3(3): 113, tab. 26. 1890. *Phyllodes lindbergii* (Petersen) Kuntze. Revis. Gen. Pl. 2: 696. 1891. *Typis*: s.l., s.d., *Lindberg 544 (Sintypus S)*; “*Prov. Minas Geraes, Caldas*”, 1861, fl., *Regnell II 276 (Sintypi R!, S, K!)*; “*S. Paulo, Serra de Caracol in solo sicciore umbrosis silvarum*”, s.d., *Mósen 4423* (não localizado); *syn. nov.*

*Calathea arrabidae* caracteriza-se pela lâmina foliar membranácea, lanceolada a oblonga, glabrescente a pubérula na face adaxial e tomentosa na face abaxial; inflorescência subentendida por duas ou mais folhas originadas de cada nó aéreo; pedúnculo pubérulo a tomentoso; florescência obovóide a elipsóide; espátas oblongas a ovadas, tomentosas externamente e com ápice acuminado; flores com cálice verde ou hialino, corola e estaminódios inteiramente alvos ou terço superior dos lobos da corola e estaminódios arroxeados, ovário glabro.

Vellozo (1829; 1831; 1881) descreveu e ilustrou *Maranta tuberosa* baseando-se no “*scapo brevissimo*” e raízes tuberosas. Posteriormente, Koernicke (1862) incluiu *M. tuberosa* no gênero *Calathea*, dando-lhe o nome novo de *C. arrabidae*. O autor não pôde utilizar o epíteto específico em virtude da sua escolha em ocupar o binômio *C. tuberosa* (Vell.) Körn., estabelecido da transferência de *Thalia tuberosa* Vell. para o gênero *Calathea* (Braga & Andreato 1998). Ressalta-se que Koernicke (1862), como muitos autores da época, equivocou-se ao reconhecer o Frei Antônio de Arrabida, bibliotecário da “*Bibliotheca Imperial e Publica*” e editor da *Flora Fluminensis*, como autor da obra de Vellozo (1829; 1831), homenageando-o com o nome da espécie.

Schumann (1902), ao tratar das peculiaridades de *C. alluia* (Aubl.) Lindl., fez uma breve menção da *C. arrabidae* e, em nota, comentou sobre a ilustração na qual foi baseada a espécie de Vellozo (1829; 1831) - “*Icone miserabile instructa*”.

O pedúnculo da inflorescência, quando subentendido por uma ou mais folhas inseridas no(s) nó(s) aéreo(s) caracteriza a ser. *Scapifoliae* que, no estado do Rio de Janeiro apresenta muitas espécies de difícil identificação. A ilustração de Vellozo (1831) mostra claramente a inflorescência subentendida por duas folhas inseridas no nó aéreo, sendo esta uma das características utilizada por Petersen (1890) e Schumann (1902) para circunscrever *C. lindbergii* e que não foi observada, até o momento, em nenhuma outra espécie fluminense.

Ao analisar a ilustração monocromática, Ícone 1: tabula 13, publicadas por Vellozo (1831) em conjunto com a aquarela, estampa 7, fac-similada pela Biblioteca Nacional (Vellozo 1976) e pelo CMEDOC/SEMADS (Vellozo 1999) é possível reconhecer que *C. arrabidae* e *C. lindbergii* compartilham os mesmos caracteres morfológicas que servem para identificar ambas as espécies. A inflorescência subentendida por duas folhas inseridas no nó aéreo, a lâmina foliar oblongo-lanceolada, a inflorescência ovóide e as espátas verdes com ápice acuminado são características que definem as duas espécies em detrimento dos outros representantes do gênero existentes na região fluminense. Estas informações sustentam a utilização do binômio *C. arrabidae* e, conseqüentemente, a inclusão de *C. lindbergii* como um novo sinônimo.

*Calathea arrabidae* é, aparentemente, exclusiva do Sudeste do Brasil, habitando de forma esparsa as encostas litorâneas da Serra do Mar e interiorizando-se até os enclaves da Serra dos Órgãos e o sopé da Serra da Mantiqueira (50-1.100 m de altitude).

Material examinado: **BRASIL. Rio de Janeiro:** Itatiaia, Parque Nacional de Itatiaia, trilha para o Hotel Repouso, 15/III/1995, fl., *J.M.A. Braga et al. 2137* (RB). Mangaratiba, Reserva Rio das Pedras, subindo o rio Grande a partir da trilha para o Corisquinho, 20/I/2000, fl., *C. Mynssen et al. 322* (RB, RUSU); idem, trilha do Cambucá, 19/X/1996, fl., *J.M.A. Braga et al. 3592* (RB, RUSU). Petrópolis, Reserva Ecológica do Alcobaça, 10/XI/1997, fl., *C.M. Vieira et al. 1030* (RUSU); Vale do Bonsucesso, 13/IV/1968, fl. fr., *D. Sucre 2748 & P.I.S. Braga 588* (RB); idem, 26/III/1971, fl. fr., *H. Kennedy et al. 878* (RB); Morro de Carangola, III/1944, fl. fr., *O.C. Góes & D. Constantino 277* (RB).

2. *Calathea prolifera* (Vell.) J.M.A. Braga, **comb. nov.**

*Maranta prolifera* Vell., Fl. Flum., p. 4. 1829 (1825); Fl. Flum. Icon. 1: tab. 10. 1831 (1827); Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro 5: 4. 1881. *Typus*: Fl. Flum. Icon. 1: tab. 10. 1831 (1827).

*Maranta longifolia* Schauer, Nova Acta Acad. Caes. Leop. Nat. Cur. 19(1): 426. 1843. *Calathea longifolia* (Schauer) Klotzsch ex Körn., Bull. Soc. Imp. Nat. Mosc. 35(1): 134. 1862. *Phyllodes longifolium* (Schauer) Kuntze, Rev. Gen. Pl. 2: 696. 1891. *Phrynium longifolium* (Schauer) K. Koch, Berl. Allg. Gartenz. 19: 146. 1857. *Typus*: “In Brasilia prope Rio de Janeiro (“Ianeiro”), Octobri”, F.J.F. Meyen s.n. (*holotypus* B, destruído); **syn. nov.**

*Calathea schottiana* Fenzl ex Petersen in Mart., Fl. bras. 3(3): 109. 1890; **nom. nud.**

*Calathea lanceolata* Körn. ex Körn., Bull. Soc. Imp. Nat. Mosc. 35(1): 134. 1862; **nom. nud.**

*Calathea prolifera* diferencia-se das outras espécies do gênero que existem na região fluminense pelas bainhas sobrepostas, que lhe confere o aspecto de um pseudocaule, sendo este alongado, estreito e podendo alcançar até 1 m de comprimento. O rizoma é geralmente alongado com até 30 cm de comprimento e pouco espessado com cerca de 2 cm de diâmetro. As lâminas foliares são lanceoladas a oblongo-lanceoladas. A inflorescência apresenta um pedúnculo curto com até 15 cm de comprimento, sendo este originado do único nó aéreo existente em cada projeção do sistema aéreo. As espatas são esverdeadas ou raramente esbranquiçadas, oblongas a obovadas, com margem ereta e ápice arredondado.

Vellozo (1829) descreveu *M. prolifera* baseando-se na disposição laxa das folhas - “*foliis hanc inde solitariis, sinu bina alia prolificantibus basi similiter coadunata*”. A estampa monocromática, Ícone 1: tabula 10, publicada por Vellozo (1831) é incompleta e não retrata os detalhes da inflorescência e da flor. Supõe-se que o epíteto *prolifera* tenha sido empregado para expressar a peculiar arquitetura vegetativa da espécie, fato este evidenciado no trecho da obra original que trata da singularidade da *M. prolifera* em relação aos outros representantes da região inventariada - “*In aliqua plantarum familia Fluminensis Florae hanc singularem folitionem non inveni, ...*” .

No Ícone 1: tabula 10 de Vellozo (1831) é nítida a existência das bainhas sobrepostas formando um pseudocaule alongado, além da lâmina foliar lanceolada

e da orientação filotática homótrofa característica do gênero *Calathea*. Apesar da ausência de parte da inflorescência é evidenciado o pedúnculo curto partindo do nó aéreo, que é subtendido por uma folha, característica esta presente nas espécies de *Calathea* subg. *Pseudophrynium* ser. *Scapifoliae*.

Com a divulgação da estampa 8 pela Biblioteca Nacional (Vellozo 1976), tornou-se mais evidente a confirmação de que *M. prolifera* pertence ao gênero *Calathea*. O fac-símile da aquarela de Muzzi publicado em formato reduzido pela Biblioteca Nacional (Vellozo 1976) é a versão mais completa da espécie ilustrada na *Flora Fluminensis* (Vellozo 1831), com a representação multicolorida e detalhes da inflorescência.

Koernicke (1862) e Schumann (1902) caracterizaram *C. longifolia* utilizando-se das folhas lanceoladas e que permanecem verde-escuras quando secas. Após análise das descrições de Koernicke (1862), Petersen (1890), Schumann (1902), de observações das populações em seu hábitat e das coleções disponíveis de *C. longifolia*, verificou-se uma sobreposição dos caracteres morfológicos, quando comparados com os existentes em *C. prolifera*. Diante do exposto considera-se *C. longifolia* como sinônimo de *C. prolifera*.

Até o momento foi relatada para os Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Silveira, dados não publicados), vegetando no trecho de Floresta Atlântica que se estende do litoral norte de São Paulo e interioriza-se pela Serra da Mantiqueira, adentrando até Minas Gerais (100-1.000 m de altitude).

Material examinado: **BRASIL. Rio de Janeiro:** Itatiaia, Lote 88, 14/II/1942, fl., *Brade 17169* (RB). Rio de Janeiro, Corcovado, 4/III/1946, fl., *Apparicio & Rizzini 12* (RB); Parque Estadual da Pedra Branca, trilha da Barroca, 23/V/1993, fl., *J.M.A. Braga & R. Neves 392* (RB, RUSU); Parque Municipal Ecológico da Prainha, subida para o Cruzeiro, 13/XI/2003, fl., *J.M.A. Braga et al. 7251* (RB); Caminho dos Enforcados, 22/XI/1888, fl., *Schwacke s.n.* (R 51193); Parque Lage, vertente SE do Corcovado, 11/IV/1972, fl., *D. Sucre & Soderstron 8803* (RB)

*Calathea* G.F.W. Meyer

subg. *Pseudophrynium* Körn., ser. *Nudiscapae* (Petersen) K.Schum.

3. *Calathea monophylla* (Vell.) Körn., Bull. Soc. Imp. Nat. Mosc. 35 (1): 144. 1862.

*Maranta monophylla* Vell., Fl. Flum., p. 4. 1829

(1825); Fl. Flum. Icon. 1: tab. 11. 1831 (1827); Arch. Mus. Nac. Rio de Janeiro 5: 4. 1881. *Phrynium monophyllum* (Vell.) K. Koch, Berl. Allg. Gartenz. 19: 147. 1857. *Typus*: Fl. Flum. Icon. 1: tab. 11. 1831 (1827).

*Calathea communis* Wand. & S. Vieira, Hoehnea 29(2): 115, f. 1. 2002. *Typus*: Brasil, São Paulo, Reserva do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga, Jardim Botânico, 11/III/1981, fl., M.G.L. Wanderley 294 (*holotypus* SP!; *Isotypus* SPF); *syn. nov.*

*Calathea monophylla* caracteriza-se pelo hábito rosulado e, quando presentes, os catafilos podem chegar até 25 cm de comprimento. As lâminas foliares são lanceoladas a oblongo-lanceoladas, com a base cuneada e o ápice agudo a abruptamente curto-acuminado. O indumento pode variar de pubérulo a tomentoso em quase toda a folha, exceto na base da bainha serícea e na face adaxial glabra da lâmina foliar. O pedúnculo é alongado com 20-70 cm de comprimento, sendo pubérulo a tomentoso. O número de espatas varia de 35 a 75, medindo 2,0-3,2 cm de comprimento e 1,0-5.5 cm de largura, estando dispostas em 9-17 séries horizontais; a coloração da face externa é verde-acastanhada ou inteiramente acastanhada; a margem é reta e, em geral, lacerada verticalmente. As flores apresentam diferentes colorações ao longo do desenvolvimento, podendo ser esbranquiçadas, amareladas ou acinzentadas; o cálice mede 1,9-2,4 cm de comprimento e 0,4-0,7 cm de largura, tendo quase o mesmo tamanho do tubo da corola e, geralmente, decompõe-se ao longo da frutificação.

Vellozo (1829; 1831) descreveu *Maranta monophylla* com base nas folhas singulares e pelo longo pedúnculo - “*folis singularibus, ac ad quodvis folium scapo singulari. Tot subt hujus speciei folia, quot scapi eadem longitudine donati*”. Estas características são encontradas em muitas espécies de *Calathea* do subg. *Pseudophrynium*, entretanto não são comuns nos representantes que habitam as localidades inventariadas para a *Flora Fluminensis*. Estes fatos, provavelmente, fomentaram Petersen (1890) a considerar *M. monophylla* como “*species mihi dubia v. ignotae*”, apesar de Koernicke (1862), anteriormente, ter transferido a espécie para o gênero *Calathea*. Schumann (1902) ignorou o binômio *C. monophylla* proposto por Koernicke (1862) e incluiu a espécie de Vellozo (1829; 1831) como incerta, porém em nota ressaltou que o Ícone 1: tabula 11 (Vellozo 1831) evidenciava a típica inflorescência de *Calathea* - “*Ícone certe speciem Calathea exhibet at speciem permancum inflorescentiis nondum evolutis speciem determinare non sinit*”.

Com a publicação da aquarela de *C. monophylla* (Velloso 1976; Vellozo 1999) tornou-se mais confiável a identificação da espécie, pois a estampa 9 ilustra com nitidez o hábito, os catafilos, a forma lanceolada das folhas, o longo pedúnculo, a típica coloração acastanhada e o número de séries verticais das espatas.

Wanderley & Vieira (2002) circunscreveram *Calathea communis* caracterizando-a pelas espatas com nervuras conspícuas, de consistência fibrosa e que se tornam laceradas à medida que envelhecem. As autoras assinalaram que *C. communis* ocorre desde o estado do Rio de Janeiro até Santa Catarina e que a espécie é muito comum nos locais de ocorrência, sendo por isso identificada como diferentes binômios. Após análise do protólogo e dos tipos nomenclaturais, pôde-se verificar que *C. communis* e *C. monophylla* não são espécies distintas, pois ambas compartilham os mesmos caracteres morfológicos utilizados nas suas circunscrições, tais como as folhas lanceoladas a oblongo-lanceoladas, o pedúnculo alongado e a forma, a coloração acastanhada e o número de séries verticais das espatas. No século XVIII, a expedição liderada por Frei Vellozo abrangeu alguns dos locais em que foram assinaladas ocorrências da *C. communis*, sendo assim reconhecida a possibilidade do naturalista ter sido o primeiro a descrever a espécie. Além da morfologia análoga, este fato reforça a posição aqui tomada de considerar *C. communis* como sinônimo de *C. monophylla*.

Material examinado: **BRASIL. Rio de Janeiro:** Mangaratiba, Reserva Rio das Pedras, trilha do Cambucá, 19/X/1996, fl. fr., J.M.A. Braga et al. 3618 (RUSU); idem, trilha para a Toca da Aranha, 24/XI/1998, fl. fr., J.M.A. Braga & M.G. Bovini 5098 (RUSU); idem, Alto da Cabiúna, Toca da Aranha, 11/I/1999, fl. fr., J.M.A. Braga et al. 5133 (RB, RUSU). Paraty, APA Cairuçu, morro do Corisquinho, 24/XI/1994, fl., M.G. Bovini & L.C. Giordano 630 (RB); idem, 27/III/1995, fl. fr., M.G. Bovini et al. 716 (RB); Patrimônio, trilha para a Aldeia Araponga, 8/XI/1995, fl., M.G. Bovini et al. 923 (RB); Serra de Paraty, caminho para Cunha, 30/XI/1988, fl., R. Marquete et al. 175 (RB). Rio Claro, 1º Distrito de Lídice, 24/XI/2001, fl. fr., F.M.B. Pereira 04/129 (RB, RFA). Rio de Janeiro, Tijuca, Bom Retiro, 14/I/1943, fl. fr., Brade 17371 (RB); Parque Nacional da Tijuca, mata do Pai Ricardo, 6/III/1978, fl. fr., V.F. Ferreira et al. 262 (RB); fim da estrada para a mata da Tijuca, 18/III/1971, fl., H. Kennedy & D. Sucre 876 (RB); morro da Taquara da Tijuca, 4/I/1972, fl. fr., D. Sucre

8189 (RB). **Paraná:** Guaratuba, morro na entrada da baía, 7/XII/1971, fl., *P.I.S. Braga & Marilene 2301* (RB). **Rio Grande do Sul:** Dom Pedro de Alcântara, mata da Cova Funda, 4/I/2000, fl. fr., *C.F. Jurinitz 27* (RB, ICN).

## Referências bibliográficas

- Andersson, L. 1998. Marantaceae. Pp. 278-293. In: K. Kubitzki (ed.). **The families and genera of vascular plants 4 - Flowering plants, Monocotyledons: Alismatanae and Commelinanae (except Gramineae)**. Berlin, Springer-Verlag.
- Braga, J.M.A. 2002. Marantaceae – Novidades taxonômicas e nomenclaturais II - *Calathea joffilyana* J.M.A. Braga *sp. nov.* **Bradea** 9(1): 1-3.
- Braga, J.M.A. & Andreato, R.H.P. 1998 (1997/1998). Novidades em Zingiberales. O restabelecimento de *Calathea tuberosa* (Vellozo) Koernicke - Marantaceae. **Eugeniana** 23: 9-13.
- Carauta, J.P.P. 1969. A data efetiva da publicação da “Flora Fluminensis”. **Vellozia** 7: 3-21.
- Damasceno, D. 1976. Frei José Mariano da Conceição Veloso, naturalista e editor. Pp. 1-19, f. 1-15. In: J.M.C. Veloso. **Plantas Fluminenses - Desenhos de Muzzi**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- Eichler, A.W. 1884. **Beiträge zur Morphologie und Systematik der Marantaceen**. Berlin, Abhandlungen der Königlich Preussischen Akademie Wissenschaften.
- Greuter, W.; McNeill, J.; Barrie, F.R.; Burdet, H.M.; Demoulin, V.; Filgueiras, T.S.; Nicolson, D.H.; Silva, P.C.; Skog, J.E.; Trehane, P.; Turland, N.J. & Hawksworth, D.L. (eds.). 2000. **International Code of Botanical Nomenclature (Saint Louis Code)**. Regnum Vegetabile 138. Germany, Koeltz Scientific Books.
- Kennedy, H. 1982a. The identity and taxonomic affinity of *Calathea rotundifolia* and *C. fasciata* (Marantaceae). **Brittonia** 34(1): 22-24.
- Kennedy, H. 1982b. *Calathea burle-marxii* and *Ctenanthe burle-marxii* (Marantaceae): two new cultivated species from Brazil. **Canadian Journal of Botany** 60(11): 2365-2370.
- Kennedy, H. 1993. Marantaceae names corrected for Exotica III and IV, and Tropica. **Heliconia Society International Bulletin** 6(3): 3-4.
- Kennedy, H. 1999. *Calathea singularis* and *Stromanthe palustris*, two new species of neotropical Marantaceae. **Novon** 9(1): 61-65.
- Kennedy, H. & Braga, J.M.A. 1997. New species of *Calathea* (Marantaceae) from eastern Brazil. **Phytologia** 82(2): 94-102.
- Koernicke, F. 1862. Monographiae Marantearum Prodomus. Pars Altera. **Bulletin de la Société Impériale des naturalistes de Moscou** 35(1): 1-147.
- Lima, H.C. 1999. Manuscritos e aquarelas do catálogo Castelo Melhor. Pp. 35-41. In: J.M.C. Vellozo. **Flora Fluminensis - Estudos Preliminares**. Rio de Janeiro, CEMEDOC/SEMADS.
- Petersen, O.G. 1890. Marantaceae. Pp. 81-172. In: C.F.P. Martius; A.G. Eichler & I. Urban (eds.). **Flora Brasiliensis...**, v.3, part 3., Leipzig, München, Wien.
- Shumann, K.M. 1902. Marantaceae. Pp. 1-184. In: H.G.A. Engler (ed.). **Das Pflanzenreich** ..., v.4, part. 48. Leipzig, Verlag von Wilhelm Engelmann.
- Vellozo, J.M.C. 1798. **Alographia dos alkalis fixos e vegetal ou potassa, mineral ou soda e dos seus nitratos...** Lisboa, Officina Simão Thaddeo Ferreira.
- Vellozo, J.M.C. 1829 (1825). **Florae Fluminensis** ... Rio de Janeiro, Typographia Nationali.
- Vellozo, J.M.C. 1831 (1827). **Florae Fluminensis Icones**. Parisiis, Edidit Domnus Frater Antonius de Arrabida, v.1. lithogr. Senefelder.
- Vellozo, J.M.C. 1881. **Florae Fluminensis** ... **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro** 5: 1-461.
- Vellozo, J.M.C. 1999. **Flora Fluminensis - Estudos Preliminares**. Rio de Janeiro, CEMEDOC/SEMADS.
- Veloso, J.M.C. 1976. **Plantas Fluminenses - Desenhos de Muzzi**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional.
- Wanderley, M.G.L. & Vieira, S. 2002. Nova espécie de *Calathea* G. Mey. (Marantaceae) para o Brasil. **Hoehnea** 29(2): 115-118.